



sentida ou temida. No entanto, se lembrarmos bem, veremos que o passado, quando ele era ainda presente e futuro, produzia boa quantidade de perturbações que hoje nós vemos como um desperdício de energia. Nos escritos dos Instrutores, não há nada exceto estímulo e apoio. É a percepção profunda da distância entre os nossos ideais e a realização alcançada pelos Instrutores que empalidece as nossas concepções pessoais. Se nós nos envolvermos nestas concepções pessoais, sentiremos desânimo, como Arjuna [*no clássico hindu “Bhagavad Gita”*]. Na verdade, nós devemos sentir-nos mais encorajados do que nunca, porque o ano que passou trouxe um êxito maior do que nós havíamos ousado esperar nas circunstâncias. Somos todos elos na grande corrente do Movimento Teosófico. O que afeta um, afeta a todos, e no mesmo grau.... ”

Até aqui, palavras de Robert Crosbie em 1910. Quase cem anos depois, embora a decisiva LUT ainda seja pequena externamente, ela é a principal rede internacional de estudantes da teosofia original, autêntica, livre de distorções. Sua missão é de longo prazo e apenas começa.

## A Visão Ética de Barack Obama

### Reflexões do Presidente dos Estados Unidos

Reproduzimos a seguir alguns fragmentos do livro “A Audácia da Esperança”, do presidente norte-americano Barack Hussein Obama. A primeira edição da obra foi publicada em 2006. O leitor perceberá que a realidade discutida por Obama não é uma exclusividade dos Estados Unidos, mas existe também em países de língua portuguesa. Diz Barack Obama:

#### 1. Romper Com a Visão Pequena das Coisas

“Quando as pessoas me perguntam em jantares como aguento atuar no atual ambiente político, com as campanhas de baixo nível e os ataques pessoais, cito Nelson Mandela, Aleksandr Soljenitsin ou as condições das prisões na China ou no Egito. Na verdade, ser pessoalmente atacado não é a pior coisa do mundo. Mas não sou imune à mágoa. E, como a maioria dos norte-americanos, tenho dificuldade de não me incomodar com os desvios da nossa democracia.

“E não é pequena a disparidade entre nossos ideais e a realidade que testemunhamos todos os dias. De um jeito ou de outro, essa disparidade sempre existiu, desde o nascimento do país. Guerras foram travadas, leis aprovadas, sistemas reformados, sindicatos organizados e protestos realizados para aproximar mais a promessa da prática.

“Não, o que incomoda é a disparidade entre a magnitude dos nossos desafios e a pequenez da nossa política – a facilidade com que somos distraídos por coisas insignificantes, a maneira crônica como evitamos as decisões difíceis, nossa aparente incapacidade de chegar a um consenso para atacar qualquer grande problema.” [1]

#### 2. O Político Sem Ética É Guiado Pelo Vento

“A diferença entre o que consideramos comportamento adequado na vida diária e o que se faz necessário para vencer uma eleição é apenas uma das formas como os valores dos políticos são testados. Em poucas profissões existe essa exigência de equilibrar tantas expectativas conflitantes

diariamente – entre grupos diferentes de eleitores, entre os interesses do seu Estado e os interesses da nação, entre a lealdade partidária e o senso de independência, entre o serviço, como valor, e as obrigações com a família. Há o perigo constante de que, confuso pela cacofonia de vozes, o político perca suas bases morais e se veja completamente à mercê dos ventos da opinião pública.” [2]

### 3. Uma Mudança de Fundo, Com Realismo

“Mas é claro que há outra história a ser contada, por milhões de norte-americanos que tocam sua vida diariamente. Eles estão no trabalho ou à procura dele, montando negócios, ajudando os filhos com o dever de casa e lutando com altas contas de gás, serviços de saúde falhos e uma aposentadoria que algum tribunal declarou não devida. Eles vão do otimismo ao pessimismo em relação ao futuro, e vice-versa. Suas vidas são recheadas de contradições e ambiguidades. É uma vez que a política é incapaz de falar sobre a situação que atravessam – porque pensam que a política é atualmente um negócio e não uma missão, e que os poucos debates relevantes que são levados a cabo não passam de espetáculos –, eles se voltam para dentro, eles se afastam do barulho e da confusão do palavrório sem fim.

“Um governo que realmente represente estes norte-americanos, que verdadeiramente sirva a eles, requer um tipo diferente de política. Uma política que seja o reflexo da vida como ela verdadeiramente é, e não de uma idéia pré-fabricada. Ela precisará ser construída a partir das nossas melhores tradições, e levar em conta os aspectos mais sombrios do nosso passado. Precisaremos entender como chegamos até aqui, esta terra de facções hostis e ódios tribais. E apesar das diferenças precisaremos lembrar a nós mesmos o quanto temos em comum: esperanças e sonhos, e um laço que não será rompido.” [3]

#### NOTAS:

[1] “A Audácia da Esperança”, Barack Obama, Ed. Larousse, SP, 2007, 400 pp., ver pp. 30-31. A tradução foi comparada com o original em inglês (Three Rivers Press, New York, 2006, 376 pp.) e revisada quando necessário.

[2] “A Audácia da Esperança”, obra citada, p. 76.

[3] “A Audácia da Esperança”, obra citada, p. 33.

## Oriente Médio: Deus e Guerra Em Uma Terra Considerada Sagrada

A nova consciência planetária do século 21 tende, naturalmente, a re-examinar o mundo do sagrado adotando o ponto de vista do bom senso. Já é hora, portanto, de enfrentar uma pergunta incômoda: será possível que a idéia de um Deus monoteísta seja uma das fontes mais importantes dos constantes conflitos que vemos no Oriente Médio desde o tempo das cruzadas?

A resposta parece ser afirmativa. A idéia de um Deus pessoal e nacionalista está presente na Torá judaica, no Velho Testamento cristão e no Alcorão islâmico. As três religiões têm origens tribais, e sua religiosidade institucional legítima as guerras e a violência. É verdade que a religião judaica e o povo que a segue sofreram perseguições incomparáveis nos últimos dois mil

anos, e só recentemente o povo judeu passou a ser capaz de defender-se, freqüentemente de modo muito violento. Mas a pergunta essencial é: **“o que o conceito de Deus tem a ver com a ameaça mundial causada hoje pelo terrorismo e por outras formas de obscurantismo religioso?”**

A filosofia esotérica ensina que há muitos tipos diferentes de inteligência divina no cosmo, e que o caminho espiritual é não-violento, plural e diversificado. Os teólogos das religiões monoteístas, porém, imaginam um deus exclusivista, autoritário, individualizado, situado fora do cosmo, um deus pessoal, e politicamente controlado por esta ou aquela instituição que afirma representá-lo. Este deus, supostamente, decidiu um dia, como por um capricho, criar o universo e colocar a Terra, fixa, no seu centro. O mesmo Deus vem promovendo e abençoando há milênios a guerra, a violência e a injustiça. Tal idéia teológica é um absurdo. Fica claro que este deus foi criado à imagem e à semelhança de sacerdotes limitados por uma estreita visão tribal do mundo e do universo.

Mas nem sempre houve monoteísmo. Na Grécia, Roma e Egito antigos, havia uma pluralidade de deuses. O mesmo ocorria nas tradições religiosas dos povos indígenas das Américas. No hinduísmo, os deuses são plurais. No judaísmo esotérico, também: “Elohim” é uma palavra que indica plural, como ressaltava H.P. Blavatsky. Até no cristianismo existem as “hostes celestes”. O budismo e o taoísmo, por sua vez, são duas religiões que não vêm necessariamente de usar o enganoso conceito de “Deus”. O fato é que a idéia de um Deus monoteísta foi imposto à humanidade durante a idade média, para servir como um imperador absoluto dos céus, modelo e fonte de legitimidade para o domínio totalitário do Papa e de outros monarcas supostamente divinos.

A filosofia esotérica, porém, considera que a verdadeira religiosidade jamais se separa da Razão. Um Mestre de Sabedoria – que inspira o movimento esotérico moderno – escreveu:

“O Deus dos teólogos é simplesmente um poder imaginário (...), um poder que até agora nunca se manifestou. Nossa principal meta é libertar a humanidade deste pesadelo, ensinar ao homem a virtude pelo bem da virtude, e ensiná-lo a caminhar pela vida confiando em si mesmo, ao invés de depender de uma muleta teológica que por eras incontáveis foi a causa direta de quase toda a miséria humana.” [1]

Estas palavras claras são muito úteis na atual situação do Oriente Médio. O Mestre acrescentou:

"É a crença em Deus e nos Deuses que faz de dois terços da humanidade escravos de um punhado daqueles que os enganam com o falso pretexto de salvá-los. O homem não está sempre pronto a cometer qualquer tipo de maldade se lhe disserem que seu Deus ou Deuses exigem o crime - vítima voluntária de um Deus ilusório, escravo abjeto de seus ministros astuciosos? (...) Durante dois mil anos a Índia gemeu sob o peso das castas, com os brâmanes engordando só a si mesmos com o melhor da terra, e hoje os seguidores de Cristo e os de Maomé estão cortando as gargantas uns dos outros em nome - e para maior glória - dos seus respectivos mitos. Lembre que a soma da miséria humana nunca será diminuída até aquele dia em que a parte melhor da humanidade destruir em nome da Verdade, da moralidade e da caridade universal, os altares dos seus falsos deuses." [2]

Neste aspecto, o Mestre coincide com o ponto de vista científico e com a filosofia clássica ocidental. A única religião que jamais promoveu uma guerra é o budismo, uma religião

filosófica e que sempre esteve livre do conceito de “Deus”. A crença monoteísta externaliza a divindade, ignorando o fato de que a divindade está sobretudo dentro da consciência de cada ser humano. E sempre que "deus" passa a ser algo externo, surgem as castas sacerdotais profissionalizadas, e começam a ser promovidas as guerras e outros esquemas opressivos, para matar e dominar em nome de deus.

A verdade é freqüentemente incômoda e “politicamente incorreta”. A carta em que o Mestre escreveu as palavras acima é tão forte e tão verdadeira que suas idéias vêm sendo sistematicamente ignoradas em amplos setores do próprio movimento teosófico. Para divulgá-la entre os que buscam a Verdade, a reproduzimos aqui a seguir, na íntegra.

**NOTAS:**

- [1] "Cartas dos Mahatmas Para A. P. Sinnett", Ed. Teosófica, Brasília, Carta 88, volume II, p. 55.
- [2] “Cartas dos Mahatmas Para A.P. Sinnett”, Ed. Teosófica, Carta 88, volume II, pp. 61-62.

Carta de um Mestre de Sabedoria Esclarece:

## Para a Filosofia Esotérica Autêntica, Deuses Monoteístas São Fantasia

00

Este é o texto completo de um dos documentos  
mais importantes da literatura teosófica de todos  
os tempos: a Carta 88 de “**Cartas dos Mahatmas  
Para A. P. Sinnett**” (Ed. Teosófica, Brasília, 2001).

00

**Nem a nossa filosofia, nem nós próprios acreditamos em um Deus, e muito menos em um Deus cujo pronome necessita uma inicial maiúscula. Nossa filosofia se encaixa na definição de Hobbes<sup>1</sup>. Ela é preeminentemente a ciência dos efeitos pelas causas e das causas por seus efeitos, e já que ela é também a ciência das coisas surgidas do primeiro princípio, segundo a definição de Bacon<sup>2</sup>, antes de admitir qualquer primeiro princípio devemos conhecê-lo, sem o que não temos o direito de admitir nem mesmo sua possibilidade. Toda sua explicação se baseia sobre uma admissão isolada, feita para efeitos de argumentação em outubro passado. Foi-lhe dito que nosso conhecimento estava limitado ao nosso sistema solar: portanto, como filósofos que desejam ser dignos do nome, não poderíamos negar nem afirmar a existência do que você qualificou como um ser supremo,**

---

<sup>1</sup> Thomas Hobbes (1588-1679), filósofo inglês, desenvolveu um enfoque matemático para uma filosofia da natureza. Neste aspecto, entre outros, seu pensamento teve certa influência sobre Benedictus de Spinoza (1632-1677). (N. ed. bras.)  
<sup>2</sup> Francis Bacon (1561-1626), filósofo inglês, grande ocultista, considerado o formulador do método científico experimental moderno. A literatura teosófica o considera o verdadeiro autor das obras assinadas por William Shakespeare. (N. ed. bras.)

onipotente, inteligente, de um tipo *além* dos limites do sistema solar. Mas embora tal existência não seja absolutamente impossível, a menos que a uniformidade da lei da natureza se rompa naqueles limites, nós sustentamos que é altamente improvável. Mesmo assim, rejeitamos de modo extremamente enfático a posição do agnosticismo neste sentido, e com relação ao sistema solar. Nossa doutrina não conhece meios-termos. Ela afirma ou nega, porque só ensina aquilo que sabe que é a verdade. Portanto, nós negamos a Deus como filósofos e como budistas. Sabemos que há vidas planetárias e outras vidas espirituais, e sabemos que em nosso sistema solar não existe coisa tal como Deus, seja pessoal ou impessoal. Parabrahm não é um Deus, mas a lei absoluta imutável, e Ishwar<sup>3</sup> é o efeito de Avidya e Maya, ignorância baseada na grande ilusão. A palavra “Deus” foi inventada para designar a causa desconhecida daqueles efeitos que o homem tem admirado ou temido sem entender, e já que nós alegamos e somos capazes de comprovar o que alegamos – isto é, que conhecemos aquela causa e outras causas – temos condições de sustentar que não há Deus ou Deuses atrás daqueles efeitos.

A idéia de Deus não é uma noção inata, mas adquirida, e nós só temos uma coisa em comum com as teologias – nós revelamos o infinito. Mas enquanto atribuímos causas *materiais, naturais, sensíveis e conhecidas* (por nós, pelo menos) a todos os fenômenos que procedem do espaço, da duração e do movimento infinitos e ilimitados, os teístas atribuem a eles causas *espirituais, sobrenaturais, ininteligíveis* e desconhecidas. O Deus dos teólogos é simplesmente um poder imaginário, *un loup garou*<sup>4</sup> na expressão de d’Holbach – um poder que até agora nunca se manifestou. Nossa principal meta é libertar a humanidade deste pesadelo, ensinar ao homem a virtude pelo bem da virtude, e ensiná-lo a caminhar pela vida confiando em si mesmo, ao invés de depender de uma muleta teológica que por eras incontáveis foi a causa direta de quase toda a miséria humana. Podemos ser chamados de panteístas – de agnósticos, NUNCA. Se as pessoas estiverem dispostas a aceitar e a ver como Deus nossa VIDA UNA, imutável e inconsciente em sua eternidade, poderão fazê-lo e assim manter mais um gigantesco equívoco de denominação. Mas então terão de dizer como Spinoza que não há e não podemos conceber qualquer outra substância além de Deus, conforme aquele famoso e infeliz filósofo<sup>5</sup> diz em sua décima-quarta proposição: “praeter Deum neque dari neque concipi potest substantia” – e assim tornarem-se panteístas... Quem, exceto um teólogo formado no mistério e no mais absurdo sobrenaturalismo pode imaginar um ser auto-existente, necessariamente infinito e onipresente, *fora* do universo manifestado *que não tem fronteiras*? A palavra infinito é apenas uma negativa que exclui a idéia de limites. É evidente que um ser independente e onipresente não pode estar limitado por nada que seja externo a ele; que não pode haver nada externo a ele – nem mesmo um vácuo; portanto, onde haverá espaço para a matéria? Para aquele universo manifestado, mesmo que este último seja limitado? Se perguntarmos aos teístas se o Deus deles é vácuo, espaço ou matéria, eles responderão que não. E no entanto eles sustentam que o Deus deles penetra a matéria embora ele próprio não seja matéria. Quando nós falamos da nossa Vida Una, também dizemos que ela não só penetra, mas é a essência de cada átomo de matéria; e que, portanto, ela não apenas tem correspondência com a matéria mas possui também todas as suas propriedades, etc. – conseqüentemente, *é material, é a própria matéria*. Como

<sup>3</sup> A grafia mais usada atualmente é *Ishwara* ou *Ishvara*. (N. ed. bras.)

<sup>4</sup> *Loup-garou* – bicho-papão, em francês: fantasma imaginário que se usa para assustar crianças. (N. ed. bras.)

<sup>5</sup> Benedictus de Spinoza foi perseguido por suas idéias filosóficas mesmo na Holanda do século 17, conhecida por seu clima de liberdade religiosa. Sua principal obra, *Ética*, não pôde ser publicada enquanto ele viveu. Foi acusado de ateísmo e considerado um herege pela comunidade judaica. A décima-quarta proposição mencionada a seguir pelo Mestre pertence à parte I, “De Deus”, do seu famoso tratado sobre a *Ética* (publicado no Brasil pela Ed. Ediouro). (N. ed. bras.)

poderia a inteligência proceder ou emanar da não-inteligência? “ – você insistia em perguntar no ano passado. “Como poderia uma humanidade altamente inteligente, o homem, que é o coroamento da razão, ter evoluído a partir de uma lei ou força cega, não-inteligente!” Mas uma vez que raciocinamos nesta direção, eu posso perguntar por minha vez, como poderiam deficientes mentais congênitos, animais que não raciocinam, e o resto da “criação” ter sido criados ou haver evoluído a partir de uma Sabedoria absoluta, se esta última é um ser pensante inteligente, o autor e governante do Universo? “Como?” diz o dr. Clarke, em seu exame das provas da existência da Divindade. “Deus que fez o olho, não enxergará? Deus que fez o ouvido, não escutará?” Mas de acordo com este modo de pensar eles teriam que admitir que, ao criar um deficiente mental, Deus é um deficiente mental; que aquele que fez tantos seres irracionais, tantos monstros físicos e morais, deve ser irracional ...

... Nós não somos advaitas<sup>6</sup>, mas nosso ensinamento com respeito à vida una é idêntico ao dos advaitas com relação a Parabrahm. E nenhum verdadeiro advaita treinado filosoficamente jamais se definirá como agnóstico, porque sabe que ele é Parabrahm e idêntico em todos os aspectos à vida e à alma universal – o macrocosmo e o microcosmo, e sabe que não há Deus separado dele, nenhum criador, como nenhum ser. Tendo encontrado a Gnose, nós não podemos esquecê-la e transformar-nos em agnósticos.

... Se nós fôssemos admitir que até mesmo os mais altos Dhyán Chohans podem cair em alguma ilusão, então de fato não haveria realidade para nós, e as ciências ocultas seriam uma quimera tão grande quanto Deus. Se há um absurdo em negar aquilo que não conhecemos, é ainda mais absurdo atribuir a ele leis desconhecidas.

Segundo a lógica, o “nada” é aquilo do qual tudo pode ser corretamente negado e do qual nada pode ser corretamente afirmado. Portanto, a idéia, seja de um nada finito ou um nada infinito, é uma contradição em termos. E no entanto, de acordo com os teólogos, “Deus, o ser auto-existente, é extremamente simples, imutável e incorruptível; sem partes, sem figura, movimento, divisibilidade ou quaisquer outras propriedades como estas, que encontramos na matéria. Porque todas estas coisas implicam muito clara e necessariamente finitude em sua própria noção, e estão totalmente afastadas da infinidade completa”. Portanto, o Deus aqui oferecido à adoração do século XIX perde toda qualidade sobre a qual a mente do homem seja capaz de ter qualquer julgamento. O que é isto, na verdade, além de um ser do qual eles não podem afirmar *coisa alguma* que não seja negada instantaneamente? A própria Bíblia deles, no Apocalipse, destrói todas as perfeições morais que eles empilham sobre ele, a menos, de fato, que qualifiquem como perfeições aquelas qualidades que a razão e o senso comum de qualquer outro homem chamam de vícios odiosos e maldade brutal. Mais; quem lê as nossas escrituras budistas, escritas para as massas supersticiosas, não encontrará nelas um *demônio* tão vingativo, injusto, tão cruel e tão estúpido quanto o tirano celestial ao qual os cristãos atribuem prodigamente perfeições negadas em cada página da sua Bíblia. Autêntica e verdadeiramente, a sua teologia criou o Deus dela apenas para destruí-lo pedaço por pedaço. A Igreja de vocês é o Saturno da fábula, que tem filhos apenas para devorá-los.

(*A Mente Universal*) – Algumas reflexões e argumentos deveriam embasar cada nova idéia – por exemplo, nós certamente seremos criticados pelas aparentes contradições existentes. (1) Negamos a existência de um Deus pensante, consciente, com base em que um tal Deus deveria ser condicionado, limitado e sujeito a mudança, e portanto *não* infinito, ou

---

<sup>6</sup> *Advaita* – escola não-dualista da tradição dos Vedas ou *Vedanta*; foi fundada por Shankaracharia. (N. ed. bras.)

(2) se ele for descrito para nós como um ser eterno, imutável e independente, sem partícula alguma de matéria em si, então responderemos que ele não é um ser, mas um princípio imutável e cego, uma lei. E no entanto, eles dirão, nós acreditamos em Dhyan Chohans, ou Planetários (“espíritos”, também), e atribuímos a eles uma mente universal, e *isso deve ser explicado*.

Nossas razões podem ser brevemente resumidas assim:

(1) Rejeitamos a proposição absurda de que pode haver, mesmo em um universo ilimitado e eterno – duas existências eternas e onipresentes.

(2) Sabemos que a matéria é eterna, isto é, que não tem começo, (a) porque a matéria é a própria Natureza; (b) porque aquilo que não pode aniquilar a si mesmo e é indestrutível existe necessariamente – e portanto não poderia começar a existir, nem pode deixar de existir; e (c) porque a experiência acumulada de eras incontáveis e da ciência exata mostra que a matéria (ou natureza) age por sua própria energia peculiar, da qual nem um só átomo está jamais em estado de repouso absoluto, e portanto ela deve ter existido sempre, isto é, com seus materiais sempre mudando de forma, de combinações e propriedades, mas com seus princípios e elementos absolutamente indestrutíveis.

(3) Quanto a Deus – já que ninguém jamais e em tempo algum o viu – *a menos que ele seja a própria essência e natureza desta matéria eterna e ilimitada, sua energia e seu movimento*, não podemos vê-lo como eterno nem como infinito, e tampouco como auto-existente. Nós nos recusamos a admitir um ser ou uma existência da qual não sabemos absolutamente nada; (a) porque não há espaço para ele na presença daquela matéria cujas propriedades e qualidades inegáveis nós conhecemos completamente bem, (b) porque, se ele é apenas uma parte daquela matéria, seria ridículo sustentar que ele movimenta e governa aquilo de que ele é apenas uma parte dependente, e (c) porque se eles nos dizem que Deus é um puro espírito auto-existente e independente da matéria – uma deidade extra-cósmica – nós respondemos que mesmo admitindo a possibilidade de tal impossibilidade, isto é, a existência dele, nós sustentaríamos que um espírito puramente imaterial não pode ser um governante consciente e inteligente, nem pode ter nenhum dos atributos atribuídos a ele pela teologia, e assim um tal Deus se torna novamente uma força cega. A inteligência tal como encontrada em nossos Dhyan Chohans é uma faculdade que pode pertencer apenas a seres organizados ou animados – por mais imponderáveis, ou melhor, invisíveis que sejam os materiais das suas organizações<sup>7</sup>. A inteligência torna necessário o pensamento; para pensar alguém deve ter idéias; idéias supõem sentidos que são físicos e materiais, e como pode qualquer coisa material pertencer ao puro espírito? Se for feita a objeção de que o pensamento não pode ser uma propriedade da matéria, nós perguntaremos: por quê? Devemos ter uma prova inegável desta afirmativa, antes que possamos aceitá-la. Ao teólogo, nós perguntaríamos o que havia para impedir que seu Deus – já que ele é o suposto criador de tudo – dotasse a matéria com a faculdade do pensamento; e quando nos fosse respondido que evidentemente Ele preferiu não fazê-lo, e que esse é um mistério assim como uma impossibilidade, nós insistiríamos em que nos fosse dito por que é mais impossível a matéria produzir o espírito e pensamento do que o espírito ou pensamento de Deus produzir e criar matéria.

Nós não inclinamos nossas cabeças até o pó do chão diante do mistério da mente – *porque já o resolvemos eras atrás*. Rejeitando com desprezo a teoria teísta, rejeitamos ao

<sup>7</sup> Isto é, dos seus organismos. (N. ed. bras.)



mesmo tempo a teoria do autômato, que ensina que os estados de consciência são produzidos pela disposição das moléculas do cérebro; e sentimos um respeito igualmente pequeno por aquela outra hipótese – a produção de movimento molecular pela consciência. Então, em que acreditamos? Bem, acreditamos no muito ridicularizado *flogisto* (veja o artigo “O Que é Força, o Que é Matéria”, *Theosophist*, setembro)<sup>8</sup> e no que alguns filósofos da natureza chamam de *nisus*, o movimento ou esforços incessantes embora perfeitamente imperceptíveis (para os sentidos comuns) que um corpo faz em relação a outro – as pulsações da matéria inerte – a sua vida. Os corpos dos espíritos Planetários são formados com aquilo que Priestley e outros chamaram de flogisto<sup>9</sup>, e para o qual nós temos outro nome. Esta essência, em seu sétimo e mais elevado estado, forma a matéria da qual são compostos os organismos dos Dhyans mais elevados e puros, e em sua forma mais inferior ou densa (tão impalpável, no entanto, que a ciência a chama de energia e força) serve como uma cobertura para os Planetários do primeiro grau, o mais inferior. Em outras palavras, nós acreditamos na MATÉRIA apenas, na matéria como natureza visível e na matéria em sua invisibilidade, como o Proteu<sup>10</sup> invisível, onipresente, com seu movimento incessante que é a sua vida, e que a natureza extrai de si mesma já que ela é o grande todo fora do qual nada pode existir. Porque Bilfinger corretamente afirma que “o movimento é um modo de existência que flui necessariamente da essência da matéria; que a matéria se movimenta por suas próprias energias peculiares; que seu movimento é devido à força inerente a si mesma; que a variedade de movimentos e os fenômenos que resultam procedem da diversidade das propriedades, das qualidades e das combinações que são encontradas originalmente na matéria primitiva”, da qual a natureza é o conjunto, e da qual a ciência de vocês sabe menos do que um dos nossos condutores de *iaque*<sup>11</sup> sabe a respeito da metafísica de Kant.

A existência de matéria, então, é um fato; a existência de movimento é outro fato, e a auto-existência ou eternidade e indestrutibilidade deles constitui um terceiro fato. E a idéia de puro espírito como um Ser ou uma Existência – dê a isso o nome que quiser – é uma químera, um gigantesco absurdo.

---

<sup>8</sup> O texto *O Que é Força, o Que é Matéria?* está publicado no volume quatro de *Collected Writings*, de H.P. Blavatsky. Em *Letters of H.P.B. to A.P. Sinnett*, p. 8, Blavatsky afirma que o texto é de autoria do Mahatma K.H. O flogisto, segundo *O Que é Força, o Que é Matéria?*, constitui de certo modo uma essência da matéria. O Mahatma sugere que ele corresponde a um nível do akasha e tem parentesco com a “matéria radiante” do professor William Crookes (isto é, com a radiatividade e a energia atômica). No mesmo texto, o Mahatma diz: “Os Ocultistas sustentam que a concepção filosófica do espírito e a concepção da matéria devem ter uma mesma e única base de fenômenos, acrescentando que Força e Matéria, Espírito e Matéria, ou Divindade e Matéria, embora possam ser vistos como pólos opostos nas suas respectivas manifestações, são em essência e em verdade apenas um; e que a *vida* está presente tanto em um corpo morto como em um corpo vivo, na matéria orgânica como na matéria inorgânica. É por isso que, enquanto a ciência ainda está pesquisando e pode continuar pesquisando eternamente para resolver o problema do que é a vida, o Ocultista pode deixar de lado a questão, já que ele alega, com razões tão boas quanto as possíveis razões contrárias, que a Vida, seja na sua forma latente ou dinâmica, está em todo lugar. Que ela é tão infinita e indestrutível como a própria matéria, já que nenhuma das duas pode existir sem a outra, e que a eletricidade é a verdadeira essência e origem da – *própria vida*”. (N. ed. bras.)

<sup>9</sup> *Flogisto* – O termo foi criado por Georg Ernest Stahl em 1729. Joseph Priestley, químico inglês, também trabalhou com este conceito. (N. ed. bras.)

<sup>10</sup> *Proteu* – Na mitologia clássica, um Deus marinho, filho de Oceano e de Tétis. Conhecida o presente, o passado e o futuro, e assumia todas as formas possíveis. (N. ed. bras.)

<sup>11</sup> *Iaque* – Animal doméstico tibetano de grande porte, equivalente ao boi. (N. ed. bras.)

*Nossas idéias a respeito do mal.* O mal não tem existência *per se*<sup>12</sup> e é apenas a ausência do bem; e existe apenas para aquele que é transformado em vítima sua. Ele surge de duas causas e, tanto quanto o bem, não é uma causa independente na natureza. A natureza é destituída de bondade ou maldade; ela segue apenas leis imutáveis quando dá vida e alegria ou manda sofrimento e morte, destruindo o que havia criado. A natureza tem um antídoto para cada veneno, e suas leis possuem uma recompensa para cada sofrimento. A borboleta devorada pelo pássaro se torna aquele pássaro, e o pequeno pássaro morto por um animal alcança uma forma mais elevada. Essa é a lei cega da necessidade e da eterna adequação das coisas, e portanto não pode ser considerada um Mal na Natureza. O verdadeiro mal surge da inteligência humana e sua origem está inteiramente no homem que raciocina e que se dissocia da Natureza. Só a humanidade, portanto, é a verdadeira fonte do mal. O mal é o exagero do bem, produto do egoísmo e da ganância humanos. Pense profundamente e descobrirá que com a exceção da morte – que não é um mal mas uma lei necessária – e de acidentes, que sempre terão suas recompensas em uma vida futura – a *origem* de cada mal, seja pequeno ou grande, está na ação humana, no homem, cuja inteligência faz dele o único agente livre da natureza. Não é a natureza que cria doenças, mas o homem. A missão e o destino dele na economia da natureza é ter uma morte natural provocada pela velhice; salvo acidentes, nem um homem selvagem nem um animal selvagem (livre) morrem devido a doenças. Comida, relações sexuais, bebida, são todas necessidades naturais da vida; no entanto, o excesso delas traz doenças, miséria, sofrimento mental e físico; e estes últimos são transmitidos como os maiores males para as gerações futuras, os descendentes dos culpados. A ambição e o desejo de assegurar felicidade e conforto para aqueles que amamos através da obtenção de honras e riquezas são sentimentos naturais dignos de elogios, mas quando eles transformam o homem em um tirano cruel e ambicioso, um miserável, um egoísta, trazem miséria indescritível para os que estão ao redor dele; e para nações tanto quanto para indivíduos. Tudo isso então – comida, riqueza, ambição, e outras mil coisas que deixamos de mencionar – se torna fonte e causa do mal, seja por causa da sua abundância, seja devido à ausência. Torne-se um glutão, um devasso, um tirano, e você se transforma em um gerador de doenças, de sofrimento e miséria humanos. Deixe de lado tudo isso e você passa fome, é desprezado como um *ninguém*, e a maior parte do rebanho, os seus semelhantes, transforma você em um sofredor a vida toda. Portanto, não é a natureza nem uma Divindade imaginária que devem ser acusadas, mas a natureza humana transformada pelo *egoísmo* em algo mau. Pense bem sobre estas poucas palavras; identifique a causa de cada mal em que você pode pensar e localize a sua origem e terá resolvido *uma terça parte* do problema do mal. E agora, depois de deixar de lado, como é devido, os males que são naturais e não podem ser evitados – e eles são tão poucos que eu desafio todo o conjunto dos metafísicos ocidentais a qualificá-los como males ou a atribuir-lhes uma causa independente – direi a você qual é a maior, a principal causa de cerca de dois terços dos males que perseguem a humanidade desde que esta causa se tornou um poder. É a casta sacerdotal, o clero e as igrejas; é nestas ilusões que o homem vê como sagradas, que ele deve procurar a fonte daquele sem-número de males, que é a grande maldição da humanidade e que quase domina totalmente o gênero humano. A ignorância criou os Deuses e a astúcia aproveitou a oportunidade.<sup>13</sup> Veja a Índia, veja a Cristandade, o Islamismo, o Judaísmo e o fetichismo. Foi a impostura dos cleros que fez com que estes Deuses passassem a ser tão terríveis para o

<sup>12</sup> *Per se* – por si mesmo. (N. ed. bras.)

<sup>13</sup> O Mahatma esclarece mais este tema na Carta 43, primeira série, de *Cartas dos Mestres de Sabedoria* (pp. 103-104). (N. ed. bras.)

**homem; é a religião que o transforma no beato egoísta, no fanático que odeia toda a humanidade fora da sua própria seita, sem torná-lo em nada melhor ou mais moral por isso. É a crença em Deus e nos Deuses que faz de dois terços da humanidade escravos de um punhado daqueles que os enganam com o falso pretexto de salvá-los. O homem não está sempre pronto a cometer qualquer tipo de maldade se lhe disserem que seu Deus ou Deuses exigem o crime – vítima voluntária de um Deus ilusório, escravo abjeto de seus ministros astuciosos? Os camponeses irlandeses, italianos e eslavos passarão fome, e verão suas famílias famintas e sem roupa, para alimentar e vestir seu padre e seu papa. Durante dois mil anos a Índia gemeu sob o peso das castas, com os brâmanes engordando só a si mesmos com o melhor da terra, e hoje os seguidores de Cristo e os de Maomé estão cortando as gargantas uns dos outros em nome – e para maior glória – dos seus respectivos mitos. Lembre que a soma da miséria humana nunca será diminuída até aquele dia em que a parte melhor da humanidade destruir, em nome da Verdade, da moralidade e da caridade universal, os altares dos seus falsos deuses.**

**Se for feita a objeção de que nós também temos templos, de que nós também temos sacerdotes e que nossos lamas também vivem da caridade ... que se saiba que os objetos mencionados acima só têm o nome em comum com seus equivalentes ocidentais. Assim, em nossos templos não há um deus ou deuses adorados, apenas a memória três vezes sagrada do maior e mais santo homem que já viveu. Se nossos lamas, para honrar a fraternidade dos *Bhikkhus*<sup>14</sup>, estabelecida pessoalmente pelo nosso abençoado mestre, saem para serem alimentados pelos leigos, estes últimos freqüentemente, em números que vão de 5 a 25.000, são alimentados e cuidados pela Samgha (a fraternidade de monges lamáicos), e a lamaseria atende as necessidades dos pobres, dos doentes e dos aflitos. Nossos lamas aceitam comida, nunca dinheiro, e é nesses templos que a origem do mal é explicada e transmitida para o povo. Lá são ensinadas as quatro nobres verdades – *ariya sacca* –; e a cadeia da causação (os 12 *nidanas*)<sup>15</sup> lhes dá uma solução para o problema da origem do sofrimento e a sua destruição.**

**Leia o Mahavagga<sup>16</sup> e tente compreender, não com a mente ocidental preconceituosa, mas com o espírito de intuição e de verdade, o que o ser Completamente Iluminado diz no 1º Khandhaka. Permita que eu traduza para você.**

<sup>14</sup> *Bhikkhus* – Discípulos, em sânscrito. (N. ed. bras.)

<sup>15</sup> 12 *nidanas* – *Nidana*, em sânscrito, significa *causa* ou *essência*. Os 12 *nidanas* são um conceito fundamental da doutrina budista: o encadeamento de causa e efeito em todo o transcurso da existência, cuja compreensão resolve o enigma da vida. Os doze degraus, segundo o *Glossário Teosófico* de H.P.B., são: 1. *Jati*, nascimento; 2. *Jaramarana*, velhice e morte; 3. *Bhava*, o agente cármico que leva ao nascimento; 4. *Upadana*, a causa criadora de *Bhava*; 5. *Trishna*, amor, seja puro ou impuro; 6. *Vedana*, sensação, percepção pelos sentidos; 7. *Sparza*, o sentido do tato; 8. *Chadayatana*, os órgãos de sensação; 9. *Nama-rupa*, a personalidade; 10. *Vijnana*, perfeito conhecimento de tudo que é perceptível e do encadeamento unitário dos objetos; 11. *Samskara*, ação no plano ilusório; 12. *Avidya*, ignorância. Helena Blavatsky escreveu em *A Doutrina Secreta* que os ensinamentos esotéricos sobre a relação entre os *Nidanas* e as Quatro Nobres Verdades são secretos (Vol. I, item 7 do Comentário à Estância I). (N. ed. bras.)

<sup>16</sup> *Mahavagga* – parte de uma escritura budista. O *Tripitaka*, literalmente “três cestas” em páli, constitui um cânone do budismo hinayana e tem três grandes divisões, uma das quais é intitulada *Vinayapitaka*. *Vinayapitaka* tem por sua vez quatro subdivisões, entre as quais *Khandhaka*. *Mahavagga*, citado pelo Mahatma, é a maior das duas partes que compõem *Khandhaka*. Há alguns anos o *Tripitaka* está sendo traduzido do chinês para o inglês. O empreendimento é de grande vulto e de longo prazo. (N. ed. bras.)

“Na época em que o abençoado Buddha estava em Uruvela, às margens do rio Neranjara, quando ele descansava sob a árvore da sabedoria Bodhi, depois de haver se tornado Sambuddha, ao final do sétimo dia, mantendo sua mente fixa na cadeia de causação, ele falou assim: ‘da Ignorância surgem os samkharas<sup>17</sup> de natureza tríplice – produtos do corpo, da fala e do pensamento. Dos samkharas surge consciência, da consciência surgem o nome e a forma, deles surgem as seis regiões (as seis regiões dos seis sentidos, sendo que o sétimo é propriedade apenas do iluminado); destes surge o contato, deste a sensação; desta surge a ânsia (ou desejo, kama, tanha), da ânsia o apego, a existência, o nascimento, a velhice, a morte, a aflição, a lamentação, o sofrimento, o desânimo e o desespero. E no sentido inverso, pela destruição da ignorância os samkharas são destruídos, e a consciência deles, nome e forma, as seis regiões, o contato, a sensação, a ânsia, o apego (egoísmo), a existência, o nascimento, a velhice, a morte, a aflição, a lamentação, o sofrimento e o desânimo e desespero são destruídos. Assim é a cessação de toda essa massa de sofrimento’.”

Sabendo disso, o Ser Abençoado fez esta afirmação solene:

“Quando a natureza real das coisas se torna clara para o Bhikshu<sup>18</sup> que medita, então todas as suas dúvidas desaparecem, já que ele compreendeu qual é aquela natureza e qual a sua causa. Da ignorância surgem todos os males. Do conhecimento vêm a cessação desta massa de infelicidade, e então o brâmane que medita ergue-se dispersando as hostes de Mara como o sol ilumina o céu.”

Meditação, aqui, significa as qualidades super-humanas (não sobrenaturais), ou a condição de arhat nos seus mais altos poderes espirituais.

000

“Nós não somos corpos; não somos mentes ; nem somos estas duas coisas combinadas. Somos aquilo que usa e sustenta a ambos. Através de todas as mudanças do passado e do presente, e das mudanças que ainda virão, sempre seremos nós mesmos.” [ Robert Crosbie em “A Book of Quotations From Robert Crosbie”, Theosophy Co., Mumbai, Índia, p.36.]

000

## O Teosofista - Notas e Informações Sobre Teosofia e o Movimento Esotérico

Ano II, Número 20, Janeiro de 2009. **O Teosofista** é o boletim eletrônico mensal do website [www.filosofiaesoterica.com](http://www.filosofiaesoterica.com). Entre em contato com os editores, faça perguntas ou mande sugestões pelo e-mail: [lutbr@terra.com.br](mailto:lutbr@terra.com.br).

000

<sup>17</sup> *Samkharas* – termo páli equivalente a *samskara* ou *sanskaras* em sânscrito. Significa germes e tendências cármicas estabelecidos em vidas anteriores. Também pode designar as impressões deixadas na mente pelas ações individuais e pelas circunstâncias externas, e que vão influenciar o futuro a curto ou longo prazo. (N. ed. bras.)

<sup>18</sup> *Bhikshu* – literalmente “discípulo mendicante”, em sânscrito. O equivalente em páli é *bikku*. O termo se refere ao discípulo budista, especialmente dos primeiros tempos. (N. ed. bras.)